



Director literario:
Atalafes Campa
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Eduardo Lalla
 PAPUSSE

Mais uma grande invenção



do Doutor Serapião



O doutor Serapião Bonifácio Costa Mantas fez uma nova invenção p'ra crescimento das plantas.



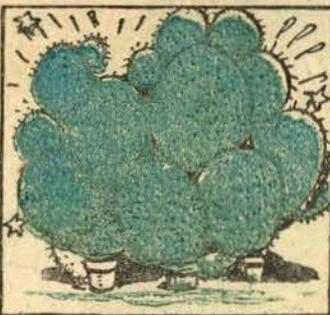
Misturando umas essências de cravo, rosa e jasmim, vai fazendo experiências nos cactos do seu jardim.



Mal seu vasinho terceiro, êle acaba de regar, eis repara que o primeiro já principia a espigar.



Mas passado um quarto de hora, vendo os cactos a subir, aílto brada: — «esta agora, como hei-de eu daqui sair!»



Crescendo cada vez mais os cactos em seu redor, desata aos berros e ais o genial inventor;



que após um árduo serviço de machada e serapicos, fica tal qual um ouriço, todo coberto de picos.

OS DOIS PAGENS DE SOFILENA

Por Fernando A. Simões
Desenhos de Eduardo Malta

(ao meu grande amigo Fausto dos Santos Antunes)

CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

No dia seguinte, de manhã, entrava o sol alegremente pela alcova de Sofilena quando esta saltou do principesco leito, sem se dar sequer ao incômodo de chamar as aias.

Estava um lindo dia de primavera, e a princesinha não pôde resistir à tentação de ir até à janela dar os parabens à Natureza.

Abriu-a... mas logo soltou um grito de espanto; no peitoril, da parte de fóra, estava uma rosa encarnada, maravilhosamente bela.

Quem a teria pôsto ali? Fitando-a melhor, a princesa julgou reconhecê-la; aquela rosa era uma das que estavam no ramo que ela, na véspera, oferecera aos vencedores do torneio. Ante este pensamento, a princesa suspirou. Tratava-se, decerto, duma nova proeza dum dos seus apaixonados.

— Meu Deus! pensou ela. Qual dos dois teria ousado fazer esta loucura? Arriscar-se a ser visto pelas sentinelas... E se fôsse só isso!

A janela da princesa dava, como sabemos, para o mar, e a única ligação que havia entre este e a janela eram rochas escarpadas, que toda a gente julgava inacessíveis, e que se não podia, decerto, subir, sem grave risco de esmagar a cabeça ou de morrer afogado. Devido a isso, o ir pôr, para

mais durante a noite, uma rosa na janela da princesa, era um galanteio dos mais arriscados, para o qual era realmente preciso um grande desejo de ser agradável e um grande desprezo pela morte.

Mas qual dos dois teria tido aquela ousadia?
Fausto? Fernando?

Alguns dias se passaram. Ia na corte um grande alvoroço. Sua Magestade ia partir para uma caçada que não demoraria menos dum mês.

Quasi todos os fidalgos cortezãos o acompanhavam, e a própria Sofilena determinara acompanhá-los durante algumas horas.

No dia da partida, o povo aglomerava-se em massa, nas ruas, para vêr passar a brilhante comitiva, e aclamar o seu rei.

Sofilena, que desta vez não quizera galopar um pouco, seguia numa magnífica carruagem, tirada a quatro cavalos, acompanhada das suas damas de honor, e seguida por uma

infinitude dos seus admiradores. Fausto e Fernando, montando dois ágeis cavalos, seguiam entre os mais modestos destes últimos. Não iam à caça, e, assim como a princesa, acompanhavam, apenas, durante algumas horas, a brilhante comitiva.

Conversavam animadamente, mas a meia voz.

— Tens levado àvante a tua idéa das rosas?

— Tenho. Desde o dia do torneio que vou todas as noites pôr-lhe uma no peitoril da janela. «Ela tem-as escondido todas, que eu bem vejo, escondido num sitio onde ela me não pode vêr a mim.

— Sabe já que és tu...?

— Não creio.

— Porque lhe não dizes?

— Não quero. Só se mo perguntasse, de contrário não.

«Mas... porque pararam todos?

— Deve ser a princesa que se vai despedir de Sua Magestade, para voltar ao palácio.

Assim era, com efeito, porque, alguns minutos depois, os dois pagens viram a carruagem voltar para tras.

Os que iam à caça seguiram Sua Magestade, que metera o cavalo a galope, enquanto que os que não iam, voltavam os cavalos, trotando atrás da carruagem da princesa.

Fausto e Fernando eram os últimos. Estavam já a pouca distância das portas da cidade quando se deu um incidente que a todos fez soltar gritos de terror:

Da cidade saíra um cavaleiro galopando velozmente, e como a estrada fazia ali uma curva, elle não via nem a comitiva nem a carruagem. Esta estava





já também próxima da curva, do que resultou o cavalo chocar-se violentamente com os cavalos da carruagem da princesa.

Estes, assustados, largaram numa carreira vertiginosa, atropelando quanto lhes aparecia na frente, correndo sem destino, de encontro, sem dúvida, a morte certa, tanto mais que o cocheiro, aterrado, saltara para o chão, abandonando assim os cavalos a si próprios.

Um enorme grito de terror saiu, como disse, de todos quantos presenciaram este incidente, mas ninguém houve que ousasse sustar os furiosos cavalos, não obstante os gritos atemorizados de Sofilena e das suas aias, que, estreitamente enlaçadas, esperavam a cada instante vêr voltar-se a carruagem.

Ninguém... não!

Após os primeiros momentos de pasmo, um cavaleiro houve que se precipitou em seguimento do carro da princesa, por entre o espanto e a admiração de quantos o viram.

Só ao fim de alguns minutos, não obstante galopar com uma velocidade extraordinária, é que o cavalo do jovem fidalgo conseguiu apanhar os da carruagem de Sofilena.

E então, deu-se um facto único, espantoso, talvez sem precedentes.

A princesa, que bradava afflictivamente por socorro, tinha visto o cavaleiro que a seguia, e quiz reconhecê-lo, mas a velocidade e os solavancos eram tão grandes que teve de desistir. Viu, no entanto, o cavaleiro passar à frente dos cavalos da carruagem, voltar de repente para trás e... sumir-se debaixo das suas patas.

Soltou um grito de pavor e caiu, sem sentidos, nos braços das suas damas, ao mesmo tempo que a carruagem parava quasi instantaneamente, dando um tam violento balanço que as aias de Sofilena caíram quasi todas.

Que havia sucedido?

Com um sangue-frio extraordinário e uma coragem assombrosa, o desconhecido salvador, após haver passado à frente dos cavalos da princesa, voltara repentinamente para trás, de encontro a eles.

Deu-se um choque igual ao que originara aquela quasi catástrofe, mas o de agora com mais benéficos resultados, pois o jovem cavaleiro segurou com tanta força as rédeas dos cavalos da carruagem, ao mesmo tempo que o seu cavalo se firmava tão solidamente nas pernas que o embate dos outros quasi não conseguiu fazê-lo mover, e a carruagem parou poucos metros adiante.

Os outros cavaleiros da comitiva, que de longe haviam presenciado tudo, sentiram-se envergonhados da sua inactividade, e vieram, galopando, felicitar o cavaleiro que tão exuberante prova dera da sua coragem e do seu sangue-frio.

Neste momento Sofilena voltava a si.

Esfregou os olhos, espantada de se encontrar viva ainda, e de vêr parada a carruagem que tam fatal lhe ia sendo, mas

ao convencer-se de que os seus olhos a não iludiam, lembrou-se do cavaleiro que viera intrêpidamente meter-se à frente da carruagem. Procurou-o com a vista, e ao vê-lo nos ombros dos outros cavaleiros, que o levavam em triunfo, a princesinha soltou uma exclamação: — o seu salvador, aquele que, para a salvar, arriscara tam soberanamente a vida, era um dos seus pagens, um dos seus apaixonados, o triste e melancólico Fausto.

O país vizinho daquele em que se passavam os acontecimentos que temos narrado, era governado por um rei despótico e mau, que procurava todos os pretextos para uma guerra com o pai de Sofilena.

Ultimamente enviara-lhe um embaixador, com plenos poderes, para tentar tudo o que pudesse originar o que ambicionava.

Era este embaixador o barão de Rochère, um temível espadachim, que possuía consigo uma dose ainda mais temível de orgulho e attitude.

Para elevar o prestígio da sua terra, desprestigiando as outras, sentia-se capaz, até, de mentir descaradamente. E ai daquele que, por qualquer forma, desse a entender que não acreditava: a sua espada lá estava, sempre pronta a provar o triunfo das mentiras que lhe saíam da bôca.

E por isso que, num dia de audiência, enquanto Sua Magestade não chega, o vamos encontrar conversando animadamente com um grupo de fidalgos, entre os quais, um pouco afastados, se encontravam os dois pagens de Sofilena.

— Podeis acreditar, meus senhores, exclamava o barão de Rochère olhando sobranceiramente para os que o escutavam.

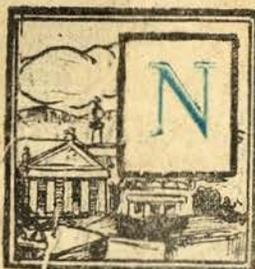
(Continua no próximo número)



A CORAGEM DE PEPITO

— Por JULIÃO SELVAGEM —

Desenhos de ANTONIO LOPES



A rica fazenda de D. Cristobal, numa região solitária e montanhosa do México passavam-se factos que traziam toda a gente apreensiva. Havia já alguns meses que várias cabeças de gado tinham desaparecido, sem que se pudesse saber o caminho que levavam. Fóra da moradia o proprietário falava com o capataz do rancho enquanto, a distância, alguns, disfarçadamente, procuravam ouvir o diá-

logo, entre D. Cristobal e Rui, o capataz.

O fazendeiro dizia, cheio de indignação:

— Não posso saber como isto sucede. Dizes tu que, esta noite, nada menos de seis ovelhas desapareceram, e o que mais me desespera é não conhecer a causa do seu desaparecimento... Serão feras esfaimadas que desçam até aqui, para me devorarem os rebanhos?

Rui, sorrindo incredulamente, retorquia:

— Não creio, D. Cristobal. A época não é fria. As feras devem ter por onde comer, sem terem necessidade de baixarem até onde se encontram homens. Além de que, se fossem feras, uma ou outra noite ouviríamos, decerto, o seu tivar, e creio que ninguém deu por tal.

E, voltando-se para um grupo de homens, gritou:

— Olá! António! Francisco José! aproximem-se.

Dois homens avançaram; levando na mão os seus típicos chapéus de aba larga.

— Vocês, que estiveram de guarda esta noite, não deram por cousa alguma de extraordinário?

Os dois homens entreolharam-se, e Francisco José respondeu:

— Nada de anormal se passou.

— Pois saibam que, do gado confiado à vossa guarda, desapareceram seis ovelhas. Poltrões; não sei para que vos serve um bom cavalo e uma espingarda bem fornecida!

Então António, rindo velhacamente, chasqueou:

— Mas se confia tanto nas pernas dum bom cavalo e no fornecimento duma espingarda, porque não vai o senhor guardar o gado? Passa por ser o melhor atirador destas paragens; o seu cavalo *Alce* tem fama do mais veloz, e a sua coragem e valentia têm sido postas à prova mais duma vez; era pois muito natural que fôsse desvendar o mistério que, há meses, paira sobre nós... D. Cristobal interrompeu-o:

— Aqui nem todos dão ordens. A Rui só eu posso fazê-lo. Vão-se embora. Os dois homens retiraram-se. Tinham dado alguns passos quando se avistou um garoto que corria velozmente em direcção ao rancho, gritando e gesticulando aflitivamente. Rui reconheceu-o e exclamou:

— É Pepito. Que lhe terá sucedido?





No mesmo instante, apareceu, por entre o matagal, um touro de olhar coruscante e a respiração tão forte que levantava o pó do caminho. Olhou o pequeno que se distanciava, escarvou o solo e arrancou em direcção de Pepito. Todos se conservaram imóveis; Rui, porém, levou os dedos aos lábios, e imediatamente um soberbo cavalo castanho se aproximou relinchando. Rui montou-o rapidamente e gritou: — Abre!

Os homens que assistiam à scena, formaram alas e o cavaleiro, sem esperar que lhe abrissem a cancela, obrigou o formoso animal a transpô-la de um salto.

Pepito quasi já não tinha forças para fugir ao touro que se aproximava. Um minuto de demora e seria impossível evitar que fosse colhido. Mas Rui, largando as redeas de *Alce*, debruçou-se sobre o lado de Pepito, e no mesmo galope cerrado, segurou-o pelos braços que elle lhe estendia e elevou-o até si. Estava salvo. O touro passára como um bôlide, sem lhes tocar. Depois Rui, levando à sua frente Pepito, deu uma volta e tomou o caminho de casa. O touro como que espantado, ficou parado a olhar o cavaleiro que se afastava e, presentindo o perigo, achou talvez conveniente afastar-se. Rui, assim que chegou, ordenou:

— Vocês, montem e metam aquele animal na manada.

E pôs em terra o pequeno que, assustado, sorria.

D. Cristobal agradeceu-lhe o que fizera e disse-lhe que entrasse para festejarem o facto para falarem sobre outro assunto.

Pepito seguiu-os e foi contando como o caso se passára.

— Fui vêr o potro que o papá me ofereceu e quando resolvi voltar, vi, ao longe, um touro que se tresmalhára da manada e que partira a vedação que protege o caminho. Fugi com quanta força tinha — tanto mais que elle não dera por mim meti, por caminhos que me pareceram menos longos e, ali em cima, notei que elle se havia aproximado. Se não fôsses tu, Rui, a esta hora o teu amiguinho, seria uma cousa parecida com uma galinhá debaixo das patas do teu famoso *Alce*. E sorriu.

D. Cristobal admoestou-o por abandonar o *ranch*o sem o seu consentimento e, depois de beber, em companhia de Rui, em regosio por Pepe ter escapado ao perigo, mandou Rui sentar-se e sentando-se também, principiou:

— Ouve Rui: Em face dos acontecimentos que me teem deixado sem uma razoavel porção de ovelhas, vou encarregar-te de guardares o gado. Há, decerto, aqui próximo, quem venha de noite roubar-me, porque prefere os animais de pequena corpolência para mais fácil transporte. Vai bem munido do que precisares. Deixa-te ficar por lá uma, duas ou três noites e veremos se conseguimos descobrir o engracado.

— Muito bem, D. Cristobal. Levarei a minha inseparável carabina, o meu *Alce* e algum pão, e não preciso de mais nada. Na barraca dos guardas deve haver que comer. Não faltarão, pelo menos, as conservas.

Pepito, alegremente bateu as palmas e exclamou com entusiasmo:

— Papá, deixas-me ir com o Rui?

D. Cristobal, encolhendo os ombros, respondeu:

— Não sejas tonto! Isto não diz respeito a gaiatos.

E safu. Então Pepito, voltando-se para Rui, insistiu:

— Eu quero ir, Rui. Tu és meu amigo e vais pedir ao papá o consentimento para eu ir também.

— Mas para que queres ir, Pepito? Pode haver perigo e, indo eu só, ninguém mais passará por elles. É bem melhor fiar-se.

— Mas eu quero ir — insistiu Pepe — porque ao pé de ti ninguém corre perigo; tu és forte, audaz, atiras-te ao perigo como se fosse uma brincadeira. Gosto de ti por que és valente e alegre. Não te esqueças que te devo o estar agora aqui, e isto quer dizer que onde tu estiveres estou eu, está a minha vida e já vês, que, se eu ficar aqui três dias sozinho... — está decidido — Não! Não pôde ser... eu vou também. Mesmo que eu vá sem que o papá o saiba. Irei ter contigo...

Rui, a sorrir, abraçou o pequeno e disse-lhe:

— Vou ver se convenco Cristobal.

Saiu acompanhado de Pepito, que tomou o caminho contrário, dirigindo-se aos homens a quem gritou:

— Eh! Desta vez os ladrões de gado, vão encontrar um guarda difícil de ludibriar... Rui, o vosso valente capataz, vai dar-lhes caça esta noite.

Francisco José e António, afastaram-se a um sinal do primeiro e enquanto o petiz ficava elogiando as corajosas qualidades de Rui, foram conversar para um ponto distante. Momentos depois separaram-se. Erancisco José ainda disse para o companheiro:

— Não te esqueças... ás 11.

E foram aos seus afazeres.

Quem, ao cair da noite, tomasse o caminho do *ranch*o de D. Cristobal, encontraria na estrada poeirenta, um soberbo cavalo castanho, que conduzia no seu dorso dois cavaleiros. Eram: *Alce* Rui e Pepito, que seguiam para a barraca dos guardas. Esta barraca era uma espécie de armazem onde os guardas arrecadavam tudo, tendo anexo um barracão que servia de cocheira para dois cavalos. Próximo destes barracões, via-se um enorme rectângulo onde estava um grande número de ovelhas. Rui e Pepito avistaram dois

outros cavaleiros que vinham a caminho do rancho e que, ao verem *Alce*, estacaram os seus cavalos e tiraram os chapéus. Rui foi ao seu encontro e perguntou-lhes:

— Houve alguma novidade?

— Nenhuma. Resta que se contem as cabeças de gado para se verificar se falta alguma.

— Não é necessário. As faltas verificam-se durante as guardas da noite.

Um dos guardas, perguntou ainda:

— E quem faz a guarda da noite?

— Hoje faço-a eu — retorquiu Rui.

— Mas costumam ser dois...

— E, desta vez, assim é: Eu e o Pepito, que veio depois de eu muito instar com D. Cristobal. Mas que ninguém o saiba. E não digam que me encontraram.

Rui partiu, deixando atrás de si os guardas que, depois de os ver afastarem-se, partiram também. Pouco depois Rui e Pepito chegaram à barraca. Era noite, mas um luar lindo iluminava toda a serra, e, assim, sem dificuldade, meteu *Alce* na cocheira e entraram depois na barraca que lhes era destinada. Pepito, assim que entrou, disse para Rui:

— E luz?

— Não é necessária — respondeu Rui — porque o luar que faz é luz bastante, além de que é muito cedo ainda para mostrarmos que aqui dentro está alguém. Esta noite ficaremos assim. Amanhã, veremos.

— Tanto mistério! — observou Pepe com curiosidade.

Rui não respondeu e foi preparar, com o que havia, cómodos para Pepito passar a noite. Arranjou-lhe uma espécie de cama com umas velhas mantas, sobre um grande caixote sem tampa, e que Rui voltou de fundo para cima, colocando-o afastado da porta e da única janela que existia.

Pepito ficava, deste modo, ao abrigo do frio da noite. Feito isto sentaram-se sobre a improvisada cama. Rui tirou o cinto, do qual pendia, uma pistola e iam a principiar a conversar quando, lá muito ao longe, se ouviu piar um môcho. A outro qualquer passaria despercebido, mas a Rui inquietou-o.

— Que é? — perguntou Pepito em segredo.

Como única resposta, Rui levou um dedo aos lábios, impondo silêncio e logo novo pio se fez ouvir, mas desta vez mais próximo. Rui, sem ruído, levantou-se, foi buscar a carabina e pela janela espreitou. Neste momento, uma nuvem, encobriu momentaneamente o luar e Rui aproveitou para abrir a porta e sair. Rodeou os barracões. Foi junto das ovelhas, cautelosamente. Estas estavam agitadas. Haviam-se colocado de pé e tinham-se aconchegado umas às outras, como para se defenderem dum perigo próximo. Nada porém despertava a atenção de Rui e por isso resolveu recolher à barraca, atribuindo a agitação das ovelhas à passagem de qualquer ave nocturna. Mais tranquilo, entrou na barraca, mas o que viu desesperou-o. Pepito não estava ali e as mantas, com que improvisara a cama, jaziam por terra.

Aflito gritou:

— Pepe! Pepe!

Ninguém lhe respondeu. Pousou a carabina e, mais aflito ainda, tornou a chamar: — Pepe! Pepito!

Umhas mãos de ferro estrangularam-lhe a voz na garganta, enquanto alguém lhe enrolava uma corda ao corpo, de maneira a tolher-lhe os movimentos. O ataque foi de tal forma brusco e inesperado que Rui não esboçara o mais pequeno gesto de defesa. Ia para gritar, mas uma mordada abafara-lhe a voz. Depois de sólidamente amarrado, sentiu-se empurrado para um canto, e dois vultos saíram. Então, com grande espanto, viu o caixote onde tinha feito a cama para Pepe, levantar-se pouco a pouco e, debaixo d'êlo, surgir o rosto de Pepito, depois os ombros e a seguir os braços e as mãos, uma das quais armada com a pistola que ficara sobre o caixote.

Rapidamente, e sem dizer uma palavra, Pepe principiou a desatar as cordas que prendiam Rui, mas os seus dedos frágeis não podiam, senão lentamente, desapertar os nós. O momento, porém, era crítico e, pensando nisso, Pepe sentiu as forças duplicarem-se-lhe e continuou apressadamente a desatar. Nisto, ouviu passos e, aflito, murmurou:

— Tarde! Tarde! de mais... que fazer?!

Correu para o sítio onde estava a carabina e foi escondê-la. Depois esperou. A porta abriu-se e os mesmos vultos entraram. Um deles dizia para o outro:

— E como é o sinal?

— Sais, e à porta fazes sinal com o chapéu.

Estavam em frente da janela. O luar alumina-os em cheio.

Pepito, de pistola em punho, gritou-lhes:

— Se querem andar que seja para lá, porque o primeiro que avançar, um passo só, serve-me de alvo.

Pepito estava na sombra. Portanto, atacá-lo não podiam, seria imprudente, porque nem sequer sabiam de que se tratava.

— Voltem-me as costas — ordenou Pepito.

Os ladrões obedeceram e Pepe, muito rápido, alumiado pelo luar tirou-lhes dos cintos as grandes facas de mato.

Com uma delas cortou as cordas que prendiam Rui, que, rapidamente tomou o lugar de Pepe, enquanto este foi buscar a carabina que tinha oculta. Então Rui trocou a pistola pela carabina e ordenou a um dos desconhecidos que amarrasse o companheiro e, depois de obedecido, amarrou fortemente o segundo bandido, dizendo por fim:

E agora que estamos de harmonia, vão dizer-me quem os encarregou desta partida.

Os dois quedaram-se mudos.

— Ah! não querem falar, mas eu vou sabê-lo já.

E, assomando à porta, acenou com um chapéu e voltou para dentro, tendo o cuidado de não abandonar a carabina. Esperou. Segundos depois abriu-se a porta e entraram outros dois homens. Rui e Pepe sufocaram um grito de espanto. Aqueles dois homens eram Francisco José e António, os dois guardas de D. Cristobal. Francisco José ao entrar disse:

— Que rapidez. Sempre julguei que levasse mais tempo.

— E eu — disse uma voz — nunca esperei que tudo se fizesse tão rápido...

Era Rui que surgia da sombra de carabina aperrada.

Os dois falsos guardas ficaram petrificados. Pepito aproximou-se, conservando ainda na mão a pistola e Rui ligou os com a última corda que havia, de maneira que ficaram juntos. Depois levantou o grande caixote, obrigou os quatro homens a meterem-se debaixo d'êlo, tapando-os. Foi buscar as mantas, estendendo-as por cima e disse a Pepito que se deixasse ficar de atalaia enquanto ia pôr os arreios a *Alce* para estar preparado logo ao amanhecer. Foi e quando voltou tudo estava na mesma. Então mandou Pepito deitar-se e por sua vez sentou-se, também, sobre o caixote onde colocara a sua carabina. Pepito, contou que quando Rui saíra, ao ouvir o môcho piar, ele vira pela janela os dois homens aproximarem-se da porta com muita precaução. Haviam sido eles que imitaram o pio do môcho para obrigarem Rui a sair ou para se juntarem a o outros. Então lembrou-se da pistola, pegou-lhe e, como ponde, meteu-se debaixo do caixote. O resto tinha sido fácil.

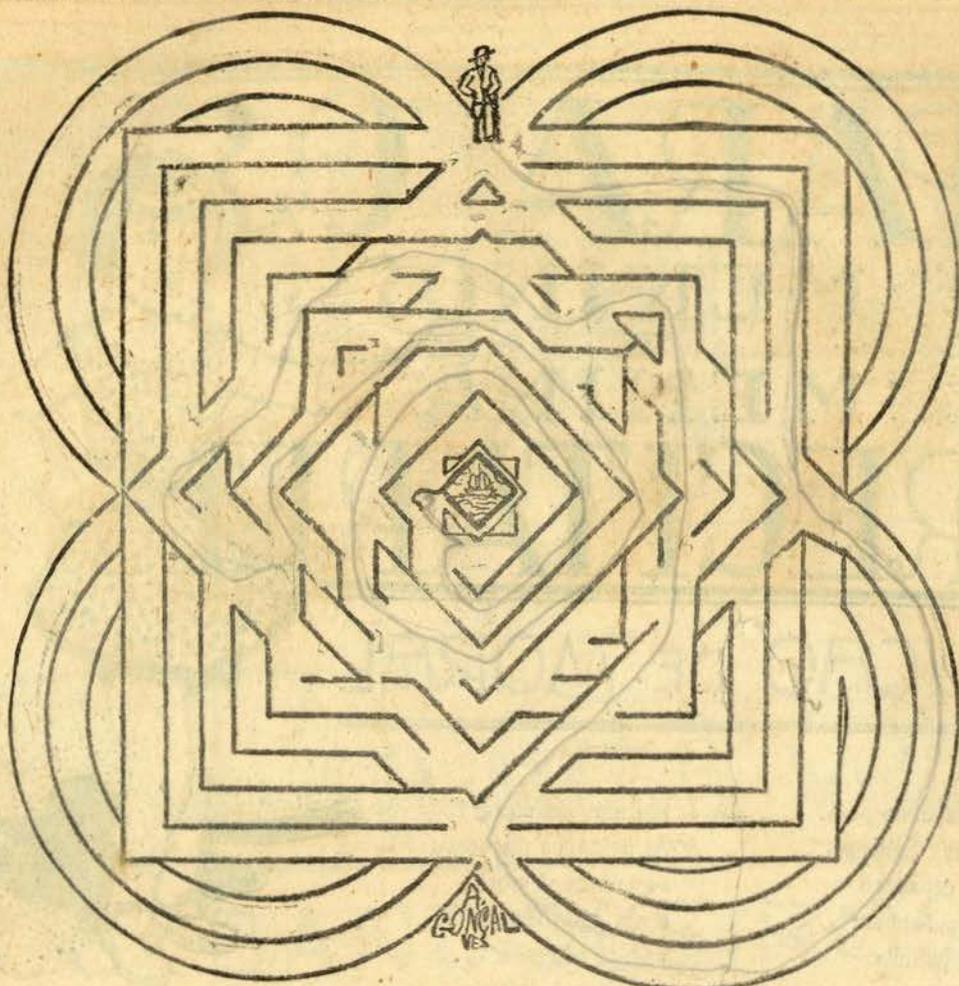
Amanhecera. O sol dourava já os cumes dos montes e já se ouviam os gorgeios dos passarinhos que, áquela hora, iam em busca do necessário à sua vida. Rui acordou Pepito, que dormia como se nada tivesse havido, e, depois de tudo preparado para a partida, levantou o caixote, mandou levantar os bandidos que tinham as pernas livres para andarem e fê-los sair da barraca. Cá fóra assobiou e *Alce* aproximou-se. Rui ajudou Pepito a montar e depois montou também e disse aos prisioneiros:

— Vão seguindo para o rancho, à minha frente. Aquêles que tentam fugir... já sabe o que o espera. A minha carabina nunca falha.

E partiram, lentamente. Ao chegarem ao rancho foi grande o espanto e admiração de todos ao saberem que Francisco José, António e os dois outros homens, constituíam uma quadrilha chefiada pelo primeiro, que roubava o gado e pelos dois últimos que o iam vender longe dali. Mas o espanto aumentou quando Rui, depois de ter ido entregar os bandidos à respectiva autoridade, contou que tudo aquilo se devia à coragem de Pepito, que foi muito vitorioso. Os meses correram sem que se tornasse a notar a falta de qualquer animal.

■ F I M ■

H
O
R
A
D
E



D
E
S
C
O
B
R
E
M

Vejam se descobrem, como Vasco da Gama, o caminho marítimo para a Índia.

PROBLEMA Um auto-giro de... brincadeira



Americo

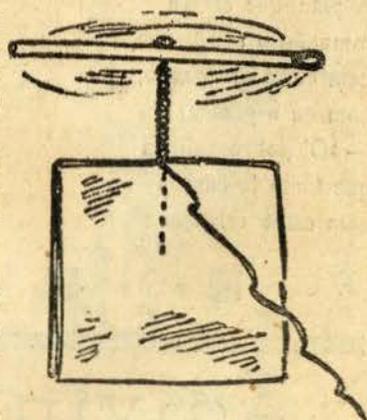
Solução do número anterior

Arranjem um alfinete grande, um pau de fósforo, uma linha comprida, um papel e, seguindo as nossas instruções, vamos fazer um *auto-giro*... de brincadeira.

Dobra-se primeiramente a folha de papel em várias voltas, de forma a que fique bastante rija e com uma grossura de, aproximadamente, 2 milímetros.

Espeta-se o alfinete ao meio do pau de fósforo e amarra-se-lhe em cima a linha. Esse alfinete é espetado no papel dobrado, até ao fundo.

Depois, segurando com uma mão a linha e o papel, com um dedo da outra mão vai-se fazendo girar circularmente o pau de fósforo. Resulta desta operação que a linha se vai enrolando ao longo do alfinete, até ao ponto desejado. Puxando a linha com força, o pau do fósforo gira com a maior velocidade, fazendo um zumbido semelhante a uma hélice... em ponto pequeno.



NOTA — O leitor que pediu a construção de armar «Charlot habilldoso», verá, em breve, satisfeito o seu desejo. Satisfaremos todos os pedidos neste sentido assim como daremos todas as indicações de que careçam.

PARA OS MENINOS E MENINAS RECITAREM

LIÇÃO DE MORAL



CONTENTE, uma pata,
num dia calmoso,
em tanque espaçoso
se andava a banhar;
perto, uma galinha
com quatro patinhos
e dois pintainhos
sabia afagar.

A pata, que estava
tomando o seu banho,
com certo arreganho,
começa a grasnar:
— «O' pobre galinha
que tanto te canças
com essas crianças

tão más de aturar!
Ai deixa os pequenos
se queres ventura
e em água tão pura
vem-te refrescar...
A calma é ardente,
o tanque convida...
bem sabes que a Vida,
no mundo, é gosar!
Responde a galinha:
— «A tal não me atrevo!
Deixa-los não deixo,
que dêles sou Mãe,
e enquanto tu passas
a vida em frescata,
teus filhos, oh pata,
se criam também!»

Lição bem severa
deu esta galinha;
que muita mãezinha
só vai às «soirées»!
Há mil que só cuidam
em bailes e dramas,
e entregam às amas
os pobres néné!

■ ■ F I M ■ ■

Adivinhas

- 1.^a—Qual a terra portuguesa que é um pássaro?
- 2.^a—Qual a terra portuguesa que é diminutivo de barca?
- 3.^a—Qual é a terra portuguesa que é o contrário de Vila Verde?
- 4.^a—Qual é a terra portuguesa que é também mercado?
- 5.^a—Qual é a terra portuguesa onde os pombos moram?

- 6.^a—Qual é a terra portuguesa que nos serve para última refeição?
- 7.^a—Qual é a terra portuguesa que serve para coser o pão?
- 8.^a—Qual é a ilha portuguesa que indica incêndio?
- 9.^a—Qual é a ilha da Austrália que é o posto a seguir a general?
- 10.^a—Qual é a ilha da Ásia que indica beleza?
- 11.^a—Qual é a ilha da Europa que é raça de galinhas?

ANTONIO CALADO